



A via da dor

O martírio
de Cristo em
14 poemas

Nesta edição

- 2 — **Opinião**
Editorial
- 3 — **Entrevista**
Victor Alegria
- 4 — **Pedras de Minas**
Agenor Gonzaga dos Santos
- 5 — **Modernismo — Cabo Verde**
C. Nunes
- 6 — **Modernismo — Cabo Verde**
C. Nunes
- 7 — **Transfinito**
R. de Melo Souza
- 8 — **Transfinito**
R. de Melo Souza
- 9 — **Transfinito**
R. de Melo Souza
- 10 — **Movimento Verde**
Ronaldo Cagiano
- 11 — **Movimento Verde**
Ronaldo Cagiano
- 12 — **Via Dolorosa**
Eno Teodoro Wanke

- 13 — **Via Dolorosa**
Eno Teodoro Wanke
- 14 — **Grande Otelô**
J. Antonio
- 15 — **Paranoá**
Valter Pedrosa
- 16 — **Paranoá**
Valter Pedrosa
- 17 — **Artigo**
Jason Tércio
- 18 — **Artigo**
Jason Tércio
- 19 — **Poesia Visual**
Vários
- 20 — **Poesia**
Vários
- 21 — **Poesia**
Vários
- 22 — **Poesia**
Vários
- 23 — **Cartas**
- 24 — **Parque de Los Poeta**

O Lago Paranoá não tem salvação

Mas terá ainda Séculos de Vida

□ **Valter Pedrosa**

Recordo perfeitamente de uma entrevista que concedi ao "Correio Braziliense" em 1975, sobre os problemas de poluição do Paranoá. Naquela época desempenhava-me da função de Chefe do Departamento de Água e Esgotos (hoje seria Diretor de Operações) da CAESB, a quem estava afeto o controle da qualidade das águas do lago, através do Laboratório Central.

Aquela reportagem transformou-se em manchete na segunda página do jornal, na qual afirmava textualmente: "O Lago Paranoá ainda terá 30 anos de vida útil". O que provocou risinhos e ironias de alguns colegas dentro da Companhia de Água e Esgotos de Brasília, já que no ambiente de trabalho reinava a sinistrose de que o lago estaria podre, de que seria necessário realizar seu esvaziamento para a raspagem da lama do fundo, etc.

Passados quase vinte anos, nada aconteceu de desastroso e o lago continua placidamente dentro de suas margens, servindo como fonte de lazer e esporte de alguns segmentos da população brasiliense. Além de clarear a vista de todos com a beleza aquática nesse cerrado tão seco. Como também contribuindo para amenizar a baixa umidade do ar na Capital da República, pela permanente evaporação do seu espelho de água de 40 quilômetros quadrados.

Isto é, o lago vem cumprindo exatamente o papel para que foi criado, nada mais. E não terá 15 ou 30 anos de vida útil, porém 300 anos ou mesmo um milhão de anos, conforme a experiência e características de toda formação lacustre, natural ou artifici-

al, no Brasil ou em outras partes do mundo.

Na verdade, o lago merece alguma atenção da parte de todos nós, com o objetivo de mantê-lo em boas condições de uso pela população. Sem exagero, terrores e muito menos o gasto desnecessário de centenas de milhões de dólares, como tem acontecido nos sucessivos governos do Distrito Federal, evidentemente visando-se outras vantagens e intenções que não a saúde do lago.

Aqui caberia uma simples pergunta: de quem é o lago? O Paranoá pertenceria ao Governo Federal, ao GDF ou à CAESB? Num regime como o nosso em que predominam os interesses privados, é preciso se definir a propriedade do lago.

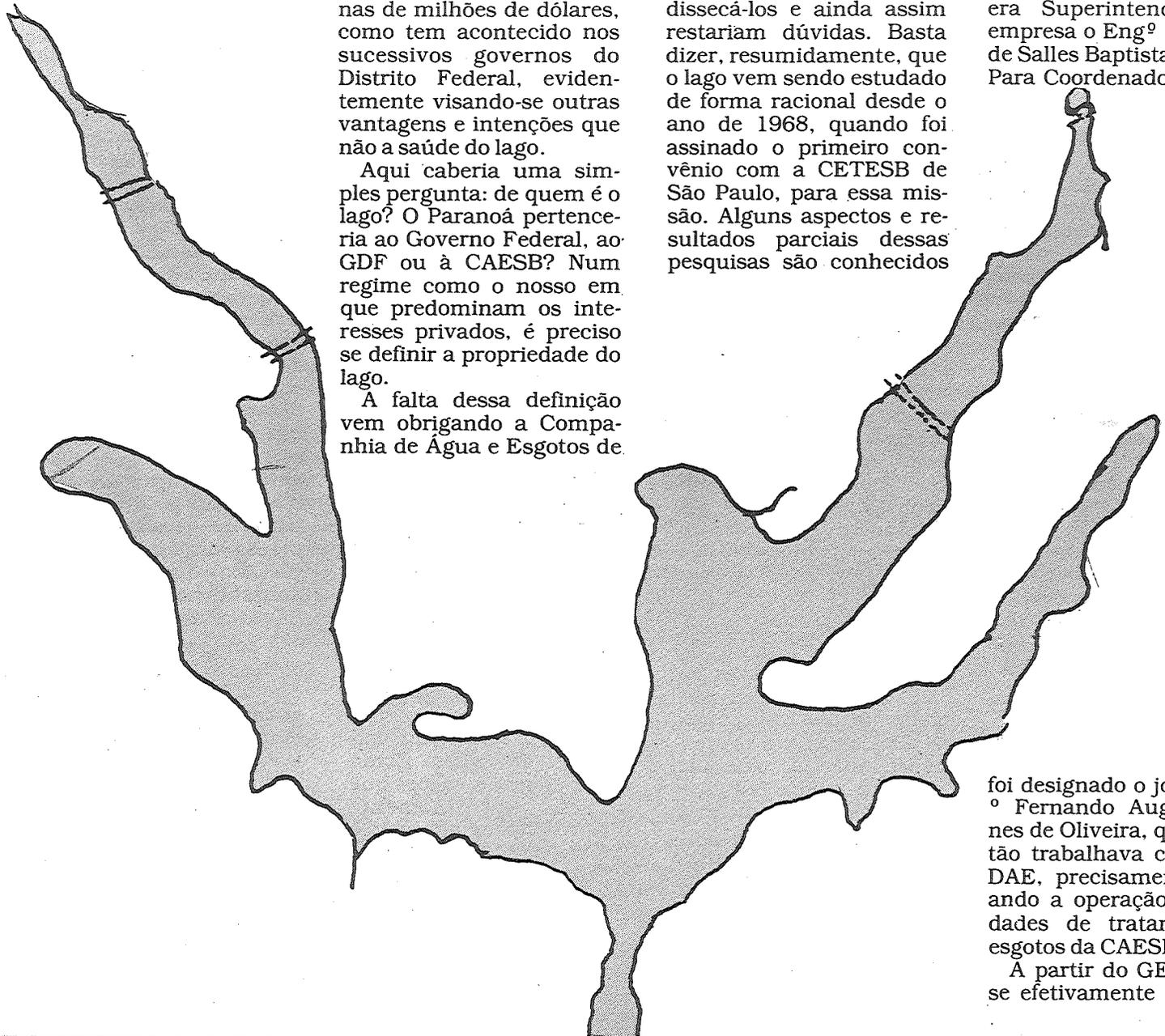
A falta dessa definição vem obrigando a Companhia de Água e Esgotos de

Brasília, que foi criada somente para abastecer de água potável a população e coletar seu esgoto sanitário, a se encarregar desse filho bastardo e oneroso.

Discutir os problemas do lago é mexer em casa de maribondo. Requereria milhares de páginas para dissecá-los e ainda assim restariam dúvidas. Basta dizer, resumidamente, que o lago vem sendo estudado de forma racional desde o ano de 1968, quando foi assinado o primeiro convênio com a CETESB de São Paulo, para essa missão. Alguns aspectos e resultados parciais dessas pesquisas são conhecidos

e foram apresentados em diversos seminários e congressos de engenharia sanitária e ambiental.

Naquele ano de 1975 a CAESB decidiu enfrentar o caso ainda mais seriamente, formalizando a criação do Grupo de Estudos de Poluição (GEP), quando era Superintendente da empresa o Eng^o Francisco de Salles Baptista Ferreira. Para Coordenador do GEP



foi designado o jovem Eng^o Fernando Augusto Nunes de Oliveira, que até então trabalhava comigo no DAE, precisamente chefiando a operação das unidades de tratamento de esgotos da CAESB.

A partir do GEP tentou-se efetivamente encontrar



**Padre
Jonas — PP**

O Poder da Cultura

O Poder da Cultura é vivido pelo meio que o compõe, jamais moldado pela autoridade que o assiste. Tanto isso é verdade, que Salomão — Rei de Israel — reconheceu que "o Poder da Cultura de seu próprio povo estava e está moldado nas leis naturais, oriundas da assimilação histórica de sua vivência, adquirida ao longo de sua caminhada exigida pelo meio". Outro exemplo, está impresso nas palavras de ABRAHAM LINCOLN, em 1863,

quando disse: "É mais fácil ceder aos princípios de um aventureiro, do que lutar contra o Poder da Cultura de um povo, reforçado, em 1953, por GRACILIANO RAMOS em seu livro de Memórias do Cárcere ao afirmar: O Poder da Cultura de nossa gente é indestrutível, porque está ligado ao solo ocupado".

Assim, se desejam a paz, o progresso, o desenvolvimento ordenado, a democracia e a eliminação dos conflitos, respeitem e

protejam a Cultura dos povos que compõem o nosso Globo Terrestre, senão as tormentas do desespero universal será uma constante, pois a Cultura é palco das forças vivas, onde os ensaios de peças inconsúteis tecidas pelas raízes de suas origens, constituem-se em alimento na caminhada democrática, não sendo a expressão raquítica encafifada pela visão caótica de uma ideologia partidária radicalista, muito menos um molde forjado nos subterrâneos do despotismo.

a melhor alternativa para "despoluir" o lago ou pelo menos manter sua saúde em condições aceitáveis. Foram feitos convênios internacionais e recebeu-se assessoria dos maiores especialistas mundiais em poluição e eutroficação de lagos de água doce, como o Prof. Marais, da África do Sul, e o Prof. Bjorn, da Suécia.

O Eng^o Fernando Nunes e a Biol. Yone de Barros Brito, entre outros, passaram meses e anos viajando e conhecendo as experiências da África do Sul, Inglaterra, Alemanha e Suécia. Os especialistas, pagos diretamente pelo GDF ou através de financiamentos da OPS/OMS, permaneceram meses e anos em Brasília estudando o lago e montando a estação piloto para o tratamento terciário dos esgotos (para retirar os minerais ou micronutrientes do efluente tratado dos esgotos sanitários).

Para se entender a "doença" chamada eutroficação que o lago sofre, é simples: ao se jogar adubo na terra ou nas águas, as plantas (ou as algas) se desenvolvem. Foi o que aconteceu enquanto o nitrogênio, o fósforo, o potássio, o magnésio e o cálcio, contidos naturalmente nos esgotos domésticos, continuavam sendo despejados no lago, semitratados ou em estado bruto, provocando as eventuais "florações" de algas verdes e azuis, etc.

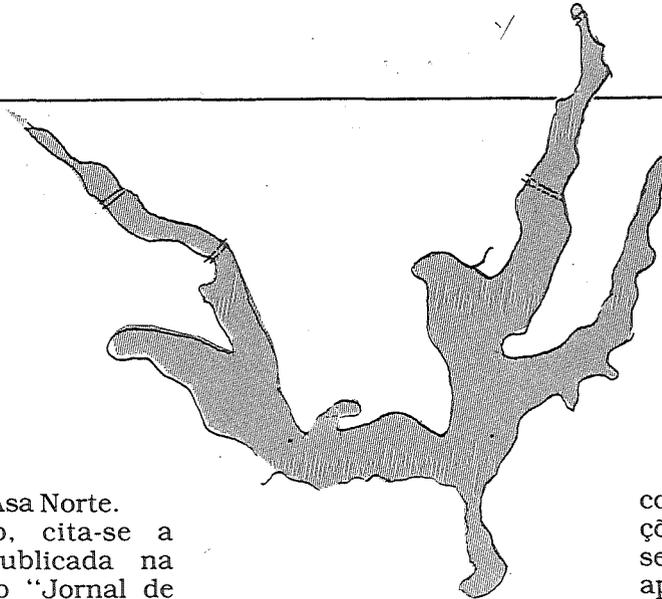
Posteriormente a CAESB mudou de idéia, deixando o enfoque científico em segundo plano e praticamente desmantelando aquela equipe caesbiana altamente qualificada, o que foi uma lástima imperdoável. Passando a privilegiar a execução de novas obras físicas, como a ampliação das estações de tratamento de esgotos da

Asa Sul e da Asa Norte.

A respeito, cita-se a manchete publicada na página 11 do "Jornal de Brasília" do dia 14/10/87: "Ex-Diretor depõe contra a despoluição do Lago", que refletia os debates realizados em caráter de inquérito pela Comissão do Distrito Federal no Senado Federal. Onde o Eng^o Fernando Nunes dizia textualmente "Além de não alcançar seu objetivo, o projeto de despoluição do lago Paranoá, desenvolvido pela CAESB, vai resultar num alto custo operacional para a manutenção do sistema".

Como não seria novidade que ocorresse, a opinião abalizada do especialista foi derrotada pelos empresários privados da SEEBLA, que insistiam na execução das obras e no faturamento dos milhões de dólares drenados do contribuinte, com resultados nulos.

Desde aquele período em que estivemos à frente do DAE, e depois através da GET, todos sabemos perfeitamente que tratar esgotos domésticos em processos secundários, no qual se retira em média 80% (oitenta por cento) da matéria orgânica (DBO) não oferece qualquer dificuldade tecnológica. No âmbito da CAESB o serviço se transforma em um monstro de sete cabeças pelas conhecidas deficiências gerenciais e administrativas na operação e manutenção



das estações de tratamento de esgotos, com o pessoal desmotivado, insatisfeito com baixos salários, etc.

Na melhor das hipóteses e mesmo que as duas estações funcionem perfeitamente e tratem 100% (cem por cento) do esgoto doméstico, admitindo-se ainda que o processo retire até 95% (noventa e cinco por cento) da DBO, mesmo assim o lago estaria afetado com aqueles 5% (cinco por cento) que passam através do tratamento tradicional. Ou mesmo do tratamento terciário.

São conhecidos os estudos realizados nos lagos de Erié e Ontário, situados na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos, demonstrando que a poluição das suas águas é provocada pelas enxurradas (esgoto pluvial) em uns 40% (quarenta por cento), o que é praticamente impossível de evitar. Como tratar enormes vazões que surgem repentinamente dos frequentes aguaceiros de Brasília?

Resumindo: consideradas as condições do Distrito Federal, tratar esgoto para evitar a poluição do lago Paranoá é pura bobagem; gastar centenas de milhões de dólares para

construir ou ampliar estações de tratamento a nível secundário ou terciário, apenas como desculpa para manter ocupadas as empresas privadas e forrar o bolso dos senhores empresários da construção civil, é um crime de lesa-humanidade.

Uma boa solução que se poderia sugerir para o destino dos esgotos sanitários de Brasília e das cidades-satélites, com ou sem tratamento, seria o seu aproveitamento na agricultura da região, através de bombeamento a partir de determinados pontos, para a irrigação de grandes áreas do cerrado semi-árido. Como se faz rotineiramente em diversos países europeus, a França em primeiro lugar. Uma aplicação segura e testada seria na lavoura do café, conforme os estudos preliminares realizados pelo então IBC. Mas quem vai se responsabilizar em projetar e financiar essas obras?

A solução mais barata e eficaz para o lago Paranoá é a mais simples: não fazer nada. Que os senhores empresários privados continuem milionários e sejam felizes, executando outros tipos de obras. Estação de tratamento de esgoto, negativo.

O pior que poderá acontecer, conforme a alternativa natural proposta, será o mau cheiro que irá incomodar algumas dezenas ou centenas de coronéis e marajás que construíram

suas mansões às margens do lago, inclusive com invasão de áreas verdes. Isso durante os períodos mais secos do ano, quando ocorrer. A maioria da população nada teria do que reclamar ou ser prejudicada.

Veja-se o exemplo histórico do Nordeste, que dispõe de mais de 100.000 açudes, pequenos e grandes lagoas de água doce, como o Orós, no Ceará; e o Itans, em Caicó, Rio Grande do Norte. Alguns deles foram construídos nos tempos da Colônia ou do Primeiro Império. E nunca se soube que qualquer um deles tenha apodrecido ou matado as populações das redondezas. Apesar de que diversos secaram, nada mais.

Talvez daqui a 300 anos ou mesmo um milhão de anos, se possa atravessar por terra de Brasília para as penínsulas Sul e Norte da cidade. Todo lago um dia será um charco e naturalmente sofrerá o processo biológico de aterramento. Mesmo o mais límpido e protegido lago da Amazônia ou da Europa. É a lei da natureza, contra a qual os homens pouco ou nada podem.

Deixemos o lago Paranoá em paz, que tem séculos de vida útil pela frente, trata-se de um lago jovem. Como um corpo vivo que é, ele sabe cuidar da própria saúde e tomar suas "aspirinas" quando julgar necessário. O lago é de Deus (sic), que sempre se encarregou de tratar os esgotos dos homens e purificar as águas de rios, lagos e mares. Confiar no Padre Eterno é bem mais barato. Palavra de ateu e sanitaria.

Valter Pedrosa de Amorim é Eng. Sanitarista e Escritor Consultor em Saneamento Ambiental da OPAS/OMS. Diretor de Operações da CAESB e Diretor de Planejamento do SLU-DF. Tem 25 Trabalhos Técnicos e nove Livros Literários Publicados. SHCCN 712 Bl "M" Casa 46 70.760-713 — Brasília-DF Tel (061) 347-3757



Wasny de Roure — PT

Priorizar os Movimentos Sociais

O Deputado WASNY DE ROURE tem como princípio maior em seu mandato contribuir para a organização, conscientização e mobilização da sociedade. Desta forma, além de sua destacada atuação parlamentar Wasny tem sido presença constante e decisiva nos movimentos reivindicatórios, bem como no encaminhamento de questões ligadas aos mais diversos movimentos sociais, que vão desde a luta pela fixação dos assentamentos do Varjão, Samambaia, Telebrasília e Vila Planalto ao apoio aos

trabalhadores rurais sem-terra, dentre inúmeros outros. Na defesa dos interesses dos trabalhadores Wasny tem apresentado projetos e pronunciamentos contundentes na Tribuna da Câmara Legislativa, além de participar de passeatas e audiências públicas, colocando o mandato parlamentar à disposição da classe trabalhadora na sua luta contra as injustiças sociais e no combate à concessão de privilégios às elites. Recentemente o Deputado WASNY

apresentou Projeto de Lei que altera o Decreto 14.777, definindo uma taxa mais justa aos usuários da CAESB cujas residências são desprovidas de hidrômetros, especificamente aos classificados como classe popular. Wasny também está apresentando um Projeto de Lei que dá nova redação ao artigo 336 da Lei Orgânica, restabelecendo o benefício dos passes estudantis aos estudantes dos cursos profissionalizantes do SESC, SENAC, SENAI e SESI.